

QUINTA-FEIRA
Lisboa-- 29 de Novembro--1928

lixo

avença
Ex.º Sr.
de Alvarenga
Rua Brito C...

3.º ANO

105



Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre **132** **fixe** semanário humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57

Um matematico que erra os «calculos»



QUANDO SE ESTRAGAR O APAGADOR, SUBSTITUÍ-LO PELO NARIZ.

Consta que o sr. Cabreira, grão-mestre (de bico amarelo) da Ordem de Santa Maria do Castelo Picão, depois de ter acusado de maçom o padre José Maria Rodrigues, vai acusar o dr. Magalhães Lima de padre catolico.

O Sempre Fixe, se for acusado pelo desopilante sábio, de ter graça, julgará de absoluta e urgente precisão matematica dar com uma tábu... de logaritmos no sitio com que S. Ex.º coça o assento do mais alto tauteuil da Academia das Sciencias de Portugal.



Os ditos da semana



Lisboa lava-se No dia em que se disse—vem ai a exposição de Sevilha,— Lisboa deitou a correr para a torneira da agua e começou a lavar a cara. De tempos a tempos ha, no nosso paiz, destas febres de limpeza. Todos os protestos servem, felizmente. Uma festa em casa da visinha do lado, ou uma epidemiasinha de portas a dentro. Já assim foi quando da peste no Porto, ha muitos anos. Houve tanta limpeza, tanta lavagem, tanto aceio que ia morrendo gente na barrela. Valha-nos isso. Lavar por lavar, ninguém lava.

A limpeza é só para os dias grandes ou para quando ha visitas.

Agora que veem ai os americanos, a cidade desgrenhada começou a pentear-se.

O Terreiro do Paço anda a fazer *toilette* ha uns poucos de dias e a limpeza é tamanha, que o D. José já tem o cavallo quasi atolado em estercos.

A iluminação publica foi melhorada e o Tejo vae ser passado a pano.

A' rua do Arsenal, que já não chegava para o movimento, tiraram-lhe os cartazes para ficar mais larga.

No Parque Eduardo VII, mandou a Camara Municipal fazer um viveiro de mosquitos em forma de lago desentantado, o que fica muito bem a nossa qualidade de terceira potencia colonial, do mundo, e pensa-se já numa cultura de febres palustres para exportação.

Alargam-se ruas, desobstruem-se passagens ampliam-se horisontes e panoramas para que o estrangeiro veja que temos vistas largas.

O pizo das ruas vae ser en-

cerado e o poeta Chiado convidado a mudar de posição.

E, para que as bestas das carroças não falem ao decoro, desfeiteando as ruas, uma postura municipal determinará que enquanto durar a exposição, se alimentem as bestas a pó de arroz e patcholi por causa das consequencias.

Depois, quando acabar o certamen de Sevilha, vo. tará tudo á mesma, até que outra exposição se anuncie lá para o ano de 2.028.

Entretanto ir-se-ha dizendo como aquela dama, a banhos na Figueira da Foz:

—Ah! muito gosto eu de tomar um banho, mesmo em casa! Naqueles primeiros tempos sente-se a gente muito bem.

As joias do Harem

O governo da Turquia resolveu pôr em leilão as joias do Harem. Nem se compreendia que tendo desaparecido as mulheres de serralho, se guardassem as joias com que elas se ornamentavam.

Os diademas, os aneis, os braceletes, todas essas maravilhosas gemas que só a fabulosa riqueza dum sultão po-

dia amealhar para seduzir as suas favoritas, vão agora adornar os colos, os braços e as cabeças das milionarias e talvez das rainhas que ainda restam pelo mundo e não são sequer, como as odaliscas foram dos seus senhores, as favoritas dos seus subditos.

Aquelas joias, porém, vão mudar de destino, vão ter outra missão inteiramente diferente. Aquelas joias que serviam para um homem — sultão embora — deslumbrar as mulheres que apetecia, vão servir agora para as mulheres deslumbrarem os homens que elas desejam.

No serralho venciã pelo seu valor e, quando a favorita caia em desgraça, regressavam á posse do primitivo senhor; na vida d'hoje hão-de vencer pela sua beleza e pela beleza que emprestam áquela que as ostenta, mas quando um rompimento se dêr as joias continuarão na posse daquella que as uzar, embora os favoritos mil vezes as tenham pago.

No fundo, o harem é sempre o mesmo, o que muda é apenas a situação das joias — frutos de sedução.

Eva, no Paraíso, fazia a coisa mais barata — com uma maçã. E o pae Adão nunca pagou nada por isso, mas engasgou-se.

Daqui a um mez Daqui a um mez já terá andado a roda e já terá saído a sorte grande, porque ao contrario da opinião de muita gente que diz que a sorte grande nunca sae, a sorte grande sae sempre.

Sae, mas engana-se muitas vezes na porta, não de saída, mas de entrada.

Sae logo que chamam por ela, mas nunca se entrega áquella que a chama, por isso é a sorte, por isso é femenina.

A sorte grande é como as mulheres. Quanto mais agente anda atraz delas mais elas se esquivam e é justamente quando a gente as não procura que elas nos vêm bater á porta, porque para as mulheres não ha aquelas cautelas, sem as quais não se pode apanhar a grande.

No dia em que a lotaria se fizer sem cautelas todos nós apanharemos a sorte grande exactamente como acontece com as mulheres: — em não havendo cautelas sempre se apanha alguma coisa ainda que não seja senão uma tarefa.

Cartazes A Sociedade Italiana de Turismo distribue magnificos cartazes do seu paiz. Quem não pode viajar cresce-lhe a agua na boca como se fosse a uma exposição pomicola. Roma, Veneza, Lago di Garda, Palermo, são cartazes de nos deixar de boca aberta. Com o de Palermo, por exemplo é de a gente ficar palermo de todo.

FUME **SUNRIPE**

SEMPRE FIXE vende-se na Povoa de Varzim, na Livraria Academica Editora.



— E' aqui que se vendem livros?
— E' sim. Qual deseja?
— Um livrinho de mortaldas para cigarros.



— E's tu, Manuela? Tenho uma conferencia com o Director Geral, por isso só tarde vou jantar. De onde falas?

— Olha, filho, falo do dentista, e calha mesmo bem porque a operação está um tanto ou quanto difficil...



— Aqui tens os duzentos escudos que te prometi. Acho que mereço aplausos.
— Aplausos? Mereces bis, filhinho.

Riso amarelo

Os sonhos

Depois de Einstein, o da teoria da relatividade, e de Voronoff, o da eterna mocidade pela enxertia de glandulas, volta Freud a estar de moda.

Como os leitores sabem, não se trata dum nova dimensão nem dum novo pacto com os velhos Faustos da terra, mas sim duma teoria baseada nos sonhos como elemento orientador de análise psicologica.

Diz Freud que os sonhos traduzem inconfessaveis tendencias e estados de alma, isto é, que o sub-consciente denuncia, durante o sono do consciente, instintos que este oculta pelo receio á moral e á critica.

E' esta inconfidencia do sub-consciente, comprometedora mas salutar, que constitue a materia da psico-análise revelada pelo austriaco Freud.

Os espanhóis vibram de tal forma com as teorias de Freud que a sua discussão já passou das revistas scientificas para as «tertulias» intellectuais dos cafés e destas para o teatro e para a novela.

Sanchez Mejias glosou a teoria de Freud num hospital de alienados, como processo para esclarecer a origem da loucura e elemento para curar.

Os poetas Manoel e Antonio Machado escreveram uma peça em que a mesma teoria se põe em pratica para descobrir o drama dum suicidio de causas desconhecidas.

E, além de Fernandez Florez no seu admiravel «Relato Imoral», muitos escritores espanhóis se tem occupado desta novamente actualizada teoria, que entre nós ainda é ouvida com risos de ignorancia amarela.

Os franceses tambem já abandonaram a afirmação de «songes, men-songes», desprezando as varias «Clef des songes» de que até agora se socorriam para interpretar os sonhos.

E se ao proprio Napoleão fosse dado conhecer a teoria de Freud, teria evitado, a tempo, e por inconfidencia do sub-consciente, a eclosão dos propositos inconfessaveis das mulheres que o enganaram. Bastaria ter roubado ao estudo dos mapas de campanha o tempo indispensavel para lhes auscultar os sonhos, em vez de os traduzir pela «Clef»...

Mascara dos Dentes d'Ouro



Uma — Não gosto dele.
Outra — Nem eu. Parece um alfaiate.
Ele — Pois se no gostam de alfaiates façam um agulheiro.



O pastor — Ena. Já vejo que na cidade tambem ha bons pastos.

FUME **SUNRIPE**

TAC-TAC-TAC

Uma lagosta ao natural

Horacio, a pequena roseta na lapela, dando-lhe um ar distinto de vago diplomata, um tanto ou quanto blasé, as palpebras papudas indicando consideraveis preocupações resolvidas em longas vigílias ou vastas e complicadas bacanais em doirados salões de clubs chics — Horacio, traçando langurosamente a perna direita sobre a esquerda, a que um breve repuxão na calça preventivamente garantira a inviolabilidade do vinco rectilíneo — disse, assim, para nós, bufando devagar o fumo do seu charuto:

— Pois, amigos, nada melhor, nada mais delicioso, tardas horas da noite, do que uma lagosta ao natural, regada com um fino *Mark-brüner* ou, mesmo, á falta dele, com um velho Bucelas Xock bem *frapé*.

E, em meio do silencio respeitoso dos quatro boémios que assistiam áquella confidencia singular, contei eu, então, que desde que, numa ceia, comera uma lagosta com *tripe* e passara uma noite a vomitar aquella e as minhas, nunca mais saboreara esse manjar e, portanto, nem vaga ideia já me restava do magnifico gosto de tal crustaceo.

Foi então a vez de Rodriguinho (Mem Rodrigues, de Fala), dizer de sua devoção por tal acepipe.

— Pois foi coisa que, desde que me conheço, nunca pude comer. Ha muito ano, andava eu perdido por saborear uma lagosta *ao natural*, porque sempre embirrei com *mayonnaises*. Ora succede que, ha dias, passando pela Praça da Figueira para ver a Rainha dos Mercados, esta, com ar de troça, começou a fitar-me. Algumas companheiras desataram a rir e eu fiquei tão atrapalhado que, para fugir ao ridiculo, e vendo no taboleiro da Rainha uma altiva lagosta, esperneando viva, com ar decidido resolvi comprá-la.

— Quanto é aquella lagosta? — perguntei com firmeza.

— 10 escudos, freguês — respondeu a Rainha — e olhe que é barata...

— Não discuto preços — retorqui com dignidade. — Embrulhe e pague-se.

E, estendendo uma nota de 10 *malhos*, como soi dizer-se, recebi a lagosta embrulhada num longo artigo do *Diario de Noticias*, como qualquer mortal que, em jejum, o lesse. As mesmas que sorriam no principio abriram-me respeitosa alas.

— Enfim! — exclamava eu, ao transpôr os portais do mercado — vou comer uma lagosta ao natural, bem á minha vontade.

E, encontrando um amigo de feição, convidei-o para o banquete.

Mas qual! Estava escrito que eu não havia de comer a lagosta!

— Como tal? — perguntou, com ar de José d'Arruela, Horacio, o diplomata blasé.

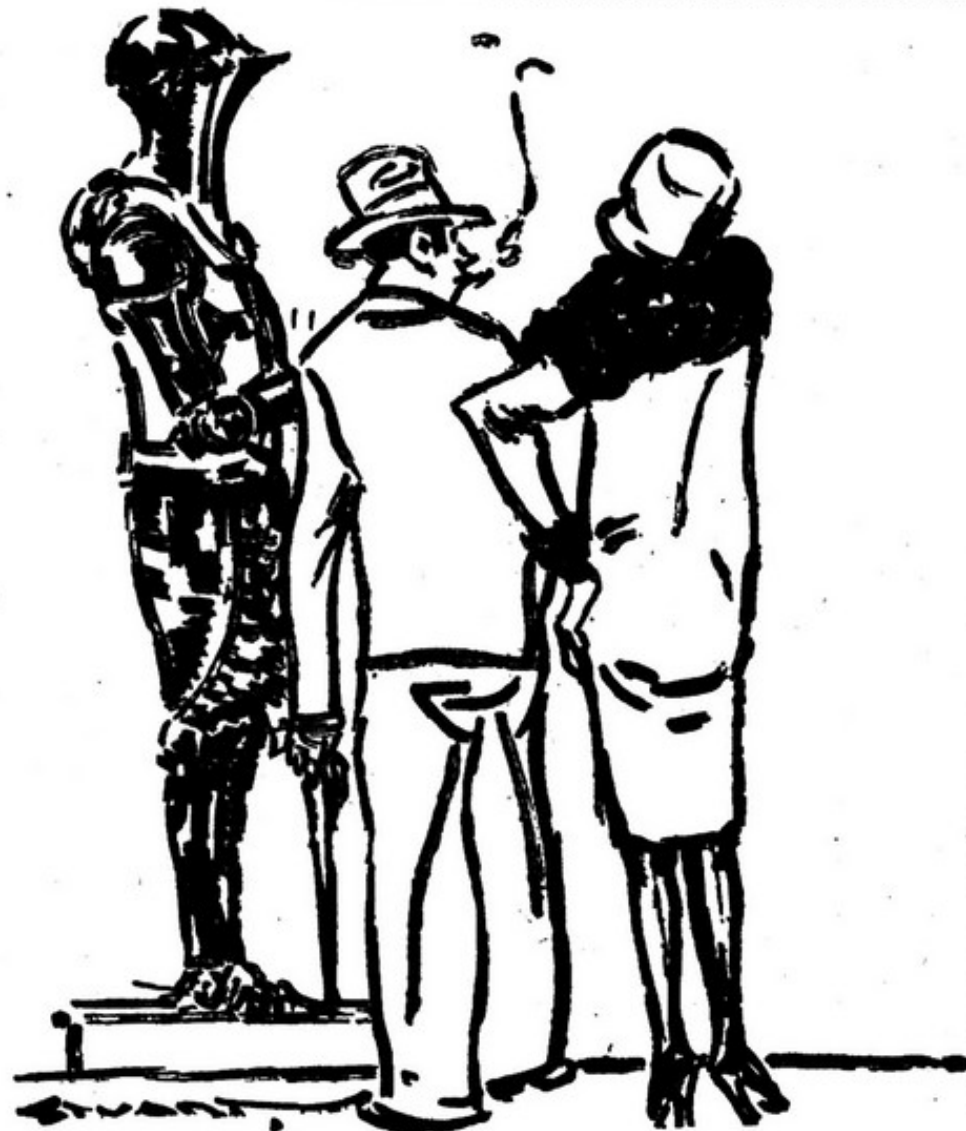
— Eu conto — tornou Rodriguinho. — Logo no Rossio, encontrando um galego, a quem ando a dever ha anos uma infinidade de recados, estive val não vai a desfazer-me da lagosta para compensar com ela o paciente crédor. O meu amigo dissuadiu-me com eloquencia de tão insolito proceder.

— Inda bem! — comentei eu com intima persuasão.

— Nem bem, nem mal. Chegado á Feira, onde a lagosta deveria ser imolada ao nosso já então devorador apoteite, reconhecemos a evidencia do nosso mau fado. Foi obrigado a vender a lagosta em troca duma duzia de sardinhas com pimentos, um litro de vinho e pão, que foi, afinal, o nosso almoço...

«E' que eu dera pela lagosta os únicos 10 escudos que possuia e... lagosta ao natural não é manjar de pelintras.

Cirano de Velhefrac.



— Não sei como os homens podiam andar assim cheios de ferro!

— Ora que admiração! e nós hoje não andamos cheios de mercurio... e é bem mais pesado!...

Na aula pratica de jornalismo

O professor: — Mentnos! Atenção... Chiul... Venha cá o «menino» F. Ora oiça: suponha que tem de noticiar um incendio. Como faz a noticia?

O aluno: — «Na rua tal declarou-se ontem um incendio...»

Professor: — Não, senhor. Declarar-se um incendio?... Não, senhor!...

«Para que o jornalismo seja perfeito, deve escrever assim: «Na rua tal realizou-se ontem o incendio da casa do sr. F...»

Professor: — F... Aproxime-se. Ora suponha que ao Hospital de S. José recolheu, em estado grave, um individuo que apresenta na barriga dois golpes profundos de navalha. Como redige a noticia?

Aluno: — Assim: «Recolheu ao Hospital de S. José, em estado grave, F..., residente em..., que na rua tal foi agredido á facada...»

Professor (interrompendo): — Isso seria muito bonito. Todavia, convém, para que o jornalismo seja alguma coisa de grande, fazer a noticia assim:

«Ao Hospital de S. José recolheu ontem F..., em quem um faquista praticou duas facadas, dadas com tal maestria que o agredido, que mora na rua tal, se encontra em estado grave...»

Professor: — No jornalismo tem de usar-se da maxima elegancia de frase. Assim, é mister tratar todos com a maior correcção. Não se deve, pois, chamar «gatuno» a ninguem, mas «senhor gatuno», porque este tambem compra o jornal. Não sei se me faço compreender... Ora o *menino* F. escute. De certo local, na ausencia do dono da casa, resappareceram roupas e objectos de ouro no valor de dois contos de réis. Redija a noticia sintetica.

Aluno: — Os gatunos assaltaram ontem a casa do sr. F., que...

Professor (interrompendo): — Perdão! Perdão! Os senhores não percebem nada de jornalismo. Escreva assim:

«Um senhor gatuno da nossa praça entrou ontem na casa do sr. F. e levou dali roupas e objectos de ouro no valor de dois contos de réis. Ao que parece, o senhor gatuno não tem culpa do ocorrido, por isso que o dono da casa se encontrava ausente.»



O marido (olhando para o cão) — Agora me lembro... não tínhamos convidado a tua mãe para cá vir?



Ela — Suponho que não nos colocará em situação ridicula em Madrid, dizendo que não cabes em casa.

Ele — Não te preocupes. Direi que á hora da sesta saio a esticar as pernas pelos arredoras.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

A critica... o papão!...
Isso sim! Vejam o que se passa com o original B. C. Nunca se disse e se escreveu tanto! E' uma maravilha de tecnica, de linguagem e de representação. E o publico foi lá? E' o foi... O publico só vai onde quer! Não são os artigos de fundo nos grandes rotativos nem as paginas reclamatorias que o obrigam a ir! Val... se quer!... As peças vencem quando toem de vencer! O publico é a eterna criança. Val ao teatro... por um pequeno nada!... Deem-lhe Shakespeare... deem-lhe Gil Vicente e Molière... que não vai... mas deem-lhe uma cambalhotasinha... que lá está caído. Ha tantos exemplos!...

A A. de O. lá anda pelos Brazis. Dizem os jornais que escreveu uma revista de colaboração intima com o S. V. Quem havia de dizer que a A. dava em revista? O Brasil, em algumas pessoas, faz milagres... dá vista aos cegos... dá dinheiro aos pobres... e até ensina a escrever...

tadas á entrada da Caixa.
as noites o mesmo assunto: as revistas em scena e qual delas é a melhor.

— Nesta terra de cantigas até a mãe Eva anda na ramboia! — disse um actor conhecido.

Ao que um amigo respondeu:
— Ha meses andava de seda e ouro; agora, que subiu a calçada, já deve estar de chita e latão...

AO que se afirma na F. do P. M., as costureiras do T. M. V. estão proibidas de levar para os camarins artigos de uso estomacal, sendo revistas á entrada da caixa.

Assim, ha já quem chame ao M. P. o «comandante da guarda fiscal» e á entrada da caixa «o posto alfandegario».

A influencia da trolha na educação da mulher... Numero bom para senhoras e com que as senhoras deliram no T. V... E' vè-las rir e gozar! O A. P., a esta hora, se quizesse... já tinha algumas... e o processo a empregar era o do numero...

BERNARD Shaw, o autor da Santa Joana, escreveu ha meses uma nova peça. O seu tradutor alemão — que é sempre o mesmo — no dia seguinte á primeira representação da peça em Berlim, enviou a Shaw uma copia da tradução.

— Meu caro amigo — mandou-lhe dizer Shaw — a peça agradou-me



Um bailado que vale bem uma «ramboia»

multo. Tanto que senti vontade de a traduzir para inglês.

Passados dias, contava-se isto numa roda de dramaturgos, estando presente o proprio Shaw. Este, depois duma pausa, acrescentou:

— A tradução, afinal, não está má... Até parece minha!...

ABRE ou não o T. A.? Aquela opereta nunca mais acaba de ser ensaiada!... Os trinta artistas contratados já estão fartos de correr a rua da Palma. Pergunta-se: mesmo na hipotese da peça ter successo e de encher bastante trinta noites, cada noite chegará para pagar a um artista? Os problemas teatraes, neste momento, além de importantes são, muitas vezes, de incompreensível realização...

A blague, a eterna blague!... Quantas vezes se sacrifica um amigo... um negocio... uma ideia!... Mas nós não



resistimos a dizer uma, que ouvimos a um nosso colega, embora o J. C. se zangue... Ele não se zanga... porque ele tambem gosta de dizer graças... aos outros!...

— A revista Terra de Cantigas — dizia o nosso colega — passou a chamar-se, depois da revista do T. V., Cantigas em Terra...

O teatro renasce nas casas particulares, já que nos teatros publicos está em crise. V. V. está ascrevendo uma peça, que brevemente subirá á scena no Hotel F. S. J., na qual desempenhará o primeiro papel o distinto amator Barata.

O acontecimento teatral da semana passada foi a fuga para o país vizinho da companhia Velasco.

Um artista, dos que concordou com a celeberrima proposta do act-r N. F., que pediu gravatas pretas para

os actores portugueses quando se tivesse exibindo a companhia no Coliseu, exclamou:

— Afinal, o R. C. reclamou mal a companhia... Não lhe deu o verdadeiro nome! Chamou-lhe Velasco e devia ter-lhe chamado Fiasco!

APARECEU... Veio não sei donde... Está mais gordo e mais bonito... Traz luvas e polainas Na cabeça, grandes projectos... Ilhas... Brasil... Dizem que volta a trabalhar!... Cá o esperamos!... Bemvindo seja o Amarelhe!...

AS nossas vedetas estão quasi todas sem trabalhar... e no entanto, funcionam quatro companhias de revista... A A. F., a actriz-fadista, a L. D., a divete-fantasiasta; a D. M., ha pouco figura primacial no T. A., e a M. L., a estrela do S. F. e doutras casas de espectáculo... Qual a razão? Ninguém sabe... Agora para se ser estrela basta ser empresaria...

OS nossos dramaturgos lembram-se de cada uma!... Querem saber? Houve um que, devido ao insuccesso duma peça da sua autoria, mostrou, numa roda de amigos, a conveniencia de se ir pedir aos directores dos jornais que as criticas se publicassem oito dias depois da premiere! Oito dias, que illusão!... Como se elas durassem no cartaz tanto tempo!... Ha cada um!...

COMO se fez o reclame em Portugal!

Aí vai um exemplo:

«Colossal successo! Assombroso exito! Estupendo triunfo! — são estas as exclamações do publico referindo-se á maravilhosa revista *feerie*, em scena no T. V., artisticamente posta pela vedette E. S. e representada com o maior brilhantismo pela sua esplendida companhia. De facto, a «M. E.» é um assombro de fausto e de grandesa na montagem, no suntuoso guarda-roupa, nos belos scenarios, nas *toilettes*, nos adornos, na elegancia, no ritmo das danças e bailados, na alegria, na leveza e no primor do desempenho.»

E agora que mais ha de ser?

O Homem das 5 horas

FUME SUNRIPE



— Estás satisfeita com a tua viagem de nupcias? Viste Napoles, o Vesuvio, Roma?...

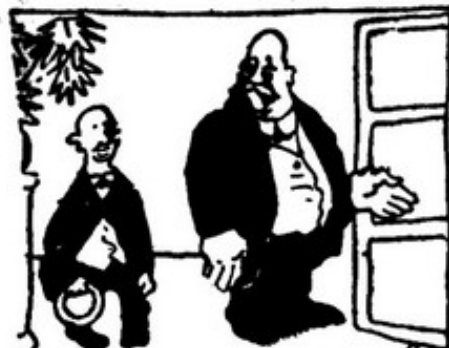
— Não sei bem. Como era o meu marido quem comprava os bilhetes...



— Toma dez mil réis e vai á estação buscar a minha sogra...

— E se ela não chegar...

— Homem! Dou-te o dôbro, porque ela vale isso e muito mais.



— Não posso conceder-lhe a mão de minha filha. Lamento que se tenha incomodado...

— Não faz mal... Eu passava por aqui...



— Mas, mãã... Salvámo-nos por milagre e ainda te ris?!

— E' que penso no desgosto de teu marido quando souber que me não sucedeu nada...

BOM HUMOR

Um novo-rico quer deslumbrar Assis Pacheco, escritor como tantos outros. Leva-o a sua casa e mostra-lhe a galeria de pintura:

— Veja este quadro! Comprei-o a semana passada.

— E' um Teniers? — pergunta o escriba.

— Sim... deve ser... Um Teniers ou um Rolls Royce... Não sei bem. Comprei os dois juntos e ainda não recebi as facturas...

* * *

Entre amigos recentes. O primeiro, de nariz grande, bastante sujo, maçãs salientes. O segundo, feio, marreca, taciturno.

— Vou fazer-lhe uma confidencia: sou judeu.

E o outro, misterioso, a meio tom: — Confidencia por confidencia: eu sou corcunda...

* * *

Numa hospedaria: — Acabo de descobrir que o novo hospede é filatelico...

— Ah!... E eu a julgar que era português!

* * *

Na mercearia: — A minha mãe pede que lhe fie meia dúzia de ovos e dois quilos de batatas...

O merceiro: — Porque não veio a tua mãe?

João: — Porque foi a outra mercearia vêr se lhe fiavam...

* * *

Ela: — Os teus beijos, meu querido, transportam-me ao oitavo céu!

Ele: — Ao sétimo, queres dizer...

Ela: — Não, ao oitavo. Eu já foi noiva sete vezes.

* * *

Entre amigas: — Não conheces nenhum rapaz bonito, elegante, amável e livre que saiba lidar com automoveis?

Dulce: — Para quê, isso tudo?

Alice: — E' que meu marido precisa um chauffeur...

* * *

Num dancing: — A senhora concede-me a honra deste tango?

— Não danço com creanças!

— Desculpe, minha senhora. Não sabia que estava no seu estado interessante...

* * *

— Porque deixaste a Judite? Uma rapariga que toda a gente acha tão bonita!

— Precisamente por isso...

* * *

O chauffeur: — Tive que matar o cão para não atropelar sua mulher?

O marido: — Nunca lh'o perdoarei!



(1) O prestidigitador — Senhoras e senhores, Vou realizar uma experiencia surpreendente, que consiste em tirar uma nota da orelha deste cavalheiro.

(2) O prestidigitador — Isto não se pode fazer com maior limpeza.

(3) O prestidigitado — O' rapaz, este senhor para a minha conta com a nota que tirou da minha orelha.

O julgamento do Nú Elevador da Gloria

Paris, a Paris das revistas e das mulheres mais mulheres deste mundo, preocupa-se agora com a ideia de acabar com o nú, no teatro.

Clement Vautel teve o bom gosto de dedicar ao assunto, na Comédia, duas colunas de prosa sã — que me suggestionaram, talvez, estas opiniões sobre o nú:

No teatro, o nú é a verdade. A verdade, com as manchas doentias da época e joelhos torcidos á mistura... Por mim, gosto do nú... no são.

* * *

A verdade anda nua — dizem. E a mentira veste-se de verdade para mentir.

Se assim é, a verdade não tem vergonha nenhuma e a mentira é tão boa como ela...

* * *

Não ha nús nas revistas teatraes. Ha, apenas, revistas nús de graça, onde as mulheres se despem... para as vestir de alguma coisa...

* * *

O nú, o nú artistico, não magoa os olhos nem fere a pudicicia.

O nú que magoa e impressiona mal não é nú — são peças de carne postas em leilão vestido de appetites.

E' um nú que só apetece vêr no... vestido.

* * *

A tua perna direita é direita duas vezes: direita... por não ser esquerda e não ter uma curva.

A esquerda não é direita; tem uma linha um tudo nada airosa.

Isto digo eu — porque te vi nua...

— Falaste comigo ha pouco e disseste algo irritada:

— Eu sou despida de vaidade. Sabes?... — Sel. Se a vaidade é andar despida...

* * *

Todos os dias, quando o Chiado se monoculisa para ir ao chá, tu passas para que te vejam.

Praza a Deus que te convenças desta verdade: «Ha mulheres que nem vestidas... Quanto mais, nús...»

* * *

Ha duas especies de nú — no que vemos e no que apeteçemos.

Mas feio ou bonito, o nú é sempre no nú que se vê e apetece...

* * *

— E' tão bonita aquela que ali vai! Se vestida tem tal elegancia, despida deve ser uma maravilha.

Que nú! No preço é que está a questão...

* * *

Anda de luto, coitada! Mas dizem que para dizer que tem vaga de marido.

Eis um ente que não gosta de estar no... só.

* * *

E' vulgar dizer-se: «Val-te despir, que não tens piada».

— Palavra de homem: tu, despida, não tens pilheria nenhuma!

— Nem tu, com estas graças — retorquirás.

— De acórdio. Quero apenas repetir-te: Gosto do nú — no são...

Luiz Figueira.

D. Eulalia entra na drogaria e reclama:

— O sr. Anastacio vendeu-me um pó para matar percevejos que não vale nada.

— Como não vale nada?!

— Ha uma semana que o espalho na cama, sem resultado. Não posso dormir com as ferroadas dos bichos.

— Eu bem lhe disse, D. Eulalia...

— O quê?

— Que o pó era tão bom que os seus percevejos eram indignos dele...

* * *

Antunes Garcia entra na repartição mais tarde do que os outros.

— Porque chegou mais tarde? — interroga o director, irado.

— Queira desculpar: minha mulher teve um parto difficil.

Dois dias depois, Antunes Garcia falta em cheio á repartição.

— O que lhe sucedeu ontem? — diz o director.

— Queira perdoar: minha mulher teve outro parto complicado.

— O senhor está brincando. Ainda não ha dois dias que me contou a mesma léria!

— Mas é verdade, sr. director.

— Quer-me fazer passar por tólo?

— Não, senhor!... Então V. Ex.ª não sabe que minha mulher é parteira?..

Anedocta

«De pequenino se torce o pepino» — afirma o rifão. — Miúdo ladino, na idade do chimo, dá em D. João.

Co' esta serie de dictados Uns aos outros mal ligados, Apenas quero exprimir A impressão em mim deixada Por um caso de nomeada Que eu aqui vou resumir:

Um garoto de onze anos — o mais velinho dos manos — E deles o mais o mais ousado — Foi p'lo pai surpreendido A namorar, derretido, Na sacada debruçado,

A pequena Inês, em frente, Filha dum joven tenente Que andava em más relações Com o pai do nosso miúdo Que, tendo cocado tudo, Lhe pregou dois bofetões. —

— «Ora o fedelho! Quem ha de, Por creanças desta idade, Pôr a mão... Ora não ha!... Mas nesta vida ha escolhos... E a menina dos 5 olhos Em breve trabalhará...» —

— «Bem o préga frei Tomás — pensa o pequeno sagaz. «Vai meu pai, então, bater-me Co' uma menina?!... Estão vendo?! E repreendeu-me inda agora Por eu, da parte de fóra, Com uma me estar batendo...»

Kovialbumello.



— Este ano ha pouco peixe. — Isso é aqui. Vai ás praias e verás uma data de peixões... e já escamados. Aquilo não têm mais do que a pele.

FUMES SUNRIPE

UMA PRO... VOCAÇÃO



— V. Ex.ª dá-me licença que a acompanhe?
— Sabe musica?
— Não, toco de ouvido...



O epitafio

Numa aldeia do Algarve, morreu um dia João Salgado, regedor, a quem aquela localidade muito devia, pois a expensas suas mandara construir, num gesto filantropico, um chafariz para serviço dos asnos e dos homens muito mais burros que os proprios asnos. Seu irmão e seu cunhado, querendo perpetuar para todo o sempre a memoria de tão prestimoso cidadão, resolveram mandar erigir-lhe um mausoleu, no qual se achavam gravados, além dum chafariz, as datas do seu nascimento e da sua morte. Mas, depois do jazigo pronto, recordaram-se que lhe faltava um epitafio para que ficasse obra afeiçada e imorredoura. E, como na aldeia se encontrava verificado o grande poeta João de Deus, foram ter com ele para que a sua pena brilhante assinalasse tão illustre varão.

João de Deus acedeu e, dias depois, os homens foram buscar o epitafio, que o poeta lhes entregou fechado numa carta e que eles, por delicadeza, embora muita fosse a sua vontade, não abriram; mas, chegados á rua, foi esse o seu primeiro trabalho.

Cabisbaixos e tristes ficaram porque o epitafio apenas falava simbolicamente da morte e nada dizia da sua bela iniciativa.

Novamente, chelos de desculpas, foram ter com o poeta do «Campo das Flores», confessando-lhe que o epitafio não estava a seu gosto, embora os comovesse profundamente, porque não dizia que eram eles que o ofereciam. João de Deus disse-lhe que não fazia mal porque aproveitaria aqueles versos para qualquer outro fim e faria outros que mais de harmonia estivessem com o pensamento das duas pessoas de familia do illustre extinto. E neste momento escreveu uns versos, que leu depois:

*Aqui jaz João Salgado,
Homem honrado e bemquisto;
Seu irmão e seu cunhado
Mandaram-lhe aqui por isto.*

— Ah! Agora, sim! — exclamaram os dois em côro.

Na Brasileira do Chiado

Um joven diz, solene: «O Integralismo ha de salvar a Patria combalida». Crê, porém, o contrario a alma incendiada daquele outro que adora o Leninismo.

Um velhote murmurava: «O Romantismo ressurgirá dando beleza á vida». Logo um rapaz, em frase esclarecida: «Só uma coisa é moderna — o Modernismo!»

E' assim o meio, heterogeneo, vário... mas no fundo sereno, igualitario, a desmentir a mente em efervescencia.

Meio que ha de gestar obra imortal.
— Se lhe faltar o fosforo mental,
emprega o Genio da Maledicencia.

Augusto Ricardo.



— Ah! ainda não subiste para o carro?
— Estou primeiro examinando os freios.

O meu chinês

Uma das coisas que costume praticar na vida com uma certa frequencia é a interinidade. Uso, por exemplo, um anel interinamente. Com as mulheres, este caso é de mais facil compreensão. Enquanto não chega a mulher vitalicia, passa a existir a mulher interina. Com os amigos, o mesmo. Os desgostos com alguns mariolas obrigaram-me á adopção do sistema de interinidade com as pessoas das minhas relações.

Ora, entre esses amigos interinos, recordo hoje com muita saudade o meu amigo chinês.

Este filho do céu caía-me ás vezes do céu, porque conseguia com a sua ingenua curiosidade, sobre os nossos costumes, ocupar o lugar destinado a tragicas compreensões, com tamanha soma de pitoresco que valia bem uma refeição.

Passo a contar algumas das suas anedotas.

Uma manhã, aparece no meu quarto o meu adoravel chinês, com este pedido muito singular:

— Amigo. Eu quero que você apresente a mim o seu fabricante de tempo.

— Você precisa de algum relojoeiro?

— Não se trata disso... Eu saber que vem a ser esses homens que fazem mexer relógios. Eu quero outra coisa muito diferente.

— Então explique melhor.

— Ha em Portugal pessoas que são especialistas da fabricação de tempo.

— Não percebo.

— Não sabe? Eu ouvi muitas vezes senhores que dizem: «Eu vou fazer horas»... Eu quero também aprender a fazer esta operação.

Uma vez salu-se-me com esta:

— Lisboa é uma coisa muito admiravel. A população tem grande preocupação artistica com a sua cidade.

— Onde viu isso? — pergunto.

— Muito facilmente. Lisboa tem muitas pessoas que deixam suas ocupações, perdendo dinheiro, para an-

dar a polir as ruas, as calçadas e as esquinas.

Sobre escritores, a melhor do meu incomparavel chinês é esta:

— Entre pessoas que fazem literatura moderna, eu tenho encontrado muitos literatos que são espiritistas.

— Nunca dei por isso. Você é tremendo quando se dispõe a observar.

— E' verdade o que digo. Tenho visto muitos escritores que não tem conhecimentos de historia, filosofia e gramatica.

— Não percebo a relação que ha nesse facto e o espiritismo...

— E' facil compreender. E eles não sabem gramatica, nem historia, nem filosofia, e fazem trabalhos literarios, não são eles que escrevem...

— Então?

— São os espiritos que eles chamam em seu socorro.

— Em Portugal ha muita gente que faz negocio ambulante de ouro.

— Bijouterias?

— Não senhor. Ouro verdadeiro.

— Onde viu o amigo essas pessoas?

Ele mostra uma cara muito admirada da minha pergunta.

— Tenho visto muitos senhores com uma exposição de ouro pendurado sobre a barriga, passeando nas ruas.

Custou-me a fazer-lhe compreender que o nosso país é a terra do ouro pendurado e que, o que ele julgava vendedores, não passavam de pacificos cidadãos com o seu pé de meia.

Uma vez apareceu-me muito aborrecido.

— Eu não vou mais tratar questões com aquele senhor porque ele tem uma profissão pouco recomendavel.

— Então o que é o homem?

— E' revolucionario. Não sabia que estas pessoas podiam ter matricula, como pessoas da Galiza que fazem transportes ás costas.

CREANÇAS DA MODA



— O que é aquillo mãe?
— E' a exposição de Arte e Elegancias.
— Vamos lá?...

A instrução de recrutas

Num regimento de artilharia procedia-se á instrução dos mancebos sobre quem recaira a sorte das armas e, tratando-se de latagões fortes e sádios, foram é claro, dados á arma de artilharia.

O instrutor, um antigo sargento que subira áquele posto pela tarimba, marcando passo desde soldado, era sargento ha 20 anos!

Habitado a conviver com soldados e mulas, tinha uma linguagem pitoresca. A mulher tratava-a por «Madama Canet», aos filhos por solípedes, dando-lhes como alcunhas os nomes dos cavalos do regimento. A instrução dos recrutas constituia um verdadeiro espectáculo. Desde a besaio até ao códrupede, com escala pelas variadas especies zoologicas, como seja o cão, o bode e o chimpanzé, eram mimoseados os recrutas.

Explicando como se fazia uma peça, dizia ele: «Agarra-se num buraco qualquer, forra-se de bronze por todos os lados, menos um, e está feita a peça».

Uma vez, perguntou a um recruta: — O' cara de bode: Tu sabes o que é uma peça?

— E sei, se senhor. E' a modos como um rôlo que tem pano p'r'a gente fazer os fatos.

— Isso é peça de pano, seu cavalo — disse-lhe o sargento. — Uma peça é isto — e apontou para um canhão de sete milímetros. E continuando a perguntar:

— Tu sabes o que é o extractor?

— E nan senhor, meu sargento — respondeu o interpelado.

O sargento, irritado, disparou-lhe novamente:

— O' minha besta. Tu não sabes o que é extrair?

— Ah! Isso sei, meu sargento. A gente está aborrecido, vai dar uma volta...

M. A. Caco Velho.

Autentico

(Dia 28 de Outubro; 17 horas; no alto da Avenida. Diálogo entre uma matrona que chega e um rapazola que olha vagamente a estatua de Zarco).

— O' moço, que é este home?...
— Diz qu'ê Zarco.
— Cães Zarco?
— um rei...
— Ele o que fez?
— Diz que descobriu a Madeira...
— Cães madeira?...
— ...
— De pinho ou cravalho?
— Diz qu'a do mar.
— Do mar?... Meu home é crapinheiro e nunca louvi falar na madeira do mar! Mas benzó Deus, que lá homezarrão é ele...



A senhora (que anda aprendendo a guiar) — Não veio o rapaz que ontem me deu lição?

O dono da garage — Não, minha senhora. Quando acabou a lição jurou que abandonava a profissão.



FUMEC SUNRIPE

O crocodillo — Esperem que ele acabe de comer e comeremos tudo de uma vez.

OS CONTOS DO "SEMPRE FIXE"

DOUTOR

Eram uma vez um industrial muito rico, um rapaz muito ladino e uma mulher muito loira...

Dizia o povo ruim que o nababo tinha a mulher loira como quem tem um cavalo de raça e é coxo, ou uma biblioteca e é cego... Ruindade do povo, aqueles dizeres? Isso não sabe o cronista e, sabendo-o, não o diria.

Certo é, porém, que a mulher loira viu o rapaz ladino e uniram-se e entenderem-se foi obra dum momento só...

Corria branda a vida. O rapaz não era pobre, a mulher era linda, o industrial era comodo. Não faltavam veludos nas arcas, risos nas bocas e mocidade alegre nos corações de ambos.

Já dissemos que o rapaz não era pobre nem tólo; foi-lhe portanto muito facil esconder os seus amores na penumbra surranteira duma travessa, ali para os lados de S. Bento, longe da vista curta do nababo, que nestes assuntos era quasi ceguinho de todo. E correu branda a vida, os deuses foram propícios e os relógios de ambos só marcavam horas doces...

A mulher loira morava no outro extremo da cidade, longe, muito longe da travessa pacata para os lados de S. Bento e, por isso mesmo, lá era em S. Bento a «senhora do rapaz» e na Graça a «mulher do industrial» e tudo corria bem, graças a Deus.

Um dia, porém, a mulher loira recebeu uma carta de um irmão que estava em Obidos e vestia farda de sargento.

Tinha sido o diabo... Duas bufandas por uma questão de amores...

Impunha-se uma transferencia para evitar o escandalo...

A mulher loira lembrou-se que o rapaz era da privança de certo amigo do rei e dos ministros. Pensou escrever-lhe e mandou-lhe a carta logo de manhãzinha. A carta dizia beijos e mais isto:

«Tem aqui imediatamente; aconteceu uma desgraça ao meu irmão. Podem transferi-lo para Lisboa e isso para nós era um impecilho...»

O rapaz foi. Pela vez primeira cruzou o portal da Graça, o feudo impenetravel do nababo... A mulher loira estava ainda deitada. Em duas palavras disse tudo e tão depressa falou que o rapaz, para lhe não roubar toda a atenção que o caso requeria, apenas descalçara uma das luvas...

Ia a historia no fim, faltava só escrever a carta para Obidos, a socagar o sargento, quando a Rosario, uma espanhola vesga que servia a mulher loira, veio aflita, açodada, branca de susto, dizer aos dois:

— El señor! Valga-nos Diós...

Rapidamente, o rapaz, que era ladino, resolveu o problema.

— A senhora está doente, ouviu? E eu sou o medico, percebe?

A espanhola percebeu e pelo corredor lamuriava atrás do industrial:

— Ayl señor, que enferma ha estado la pobrecita!... Tenia uma calentura!...

O industrial, cuidadoso, abelrou-se do leito, beijou a doente na testa e depois, solícito, inquiriu do medico a raça do molestia.

— Um principio de gripe. Nada de cuidado... Umás colheres de antipirina e aconito, um dia de cama e pronto...

O doutor recebeu, despediu-se e, na rua, deu graças aos deuses por o terem feito assim resoluto e expedito nos momentos criticos.

No dia seguinte, a mulher loira, em S. Bento, perdida de riso, entregava ao rapaz um sobrescrito pequenino com uma nota de vinte e cinco tostões, preço da visita.

— Toma lá, doutor...

Riram ambos e foram até ao arrabalde traduzir aquela opulencia em peixe frito e salada...

Correram anos. O tempo mudara a face das coisas, voltando paginas novas ao livro dos destinos.

A mulher loira já não era do industrial. O rapaz ladino tinha casa-

do. Havia aeroplanos e falava-se na Republica...

Parece que a mulher tinha contado, ao deixar o nababo, a historia da gripe e este, ferido em vinte e cinco tostões, jurara tirar vingança, uma vingança implacavel, da mulher loira ou do rapaz ladino...

Correram anos, dissemos nós. O tempo era propício á formação de grandes empresas. Falava-se muito em certo rico que concebera planos vastos e procurava uma pessoa idonea e habil que lh'os desenvolvesse e puzesse em pratica. Alguem falou a esse industrial em certo rapaz a quem tais assuntos eram familiares e que nesse momento aceitaria uma colocação vantajosa. Falou o industrial aos seus engenheiros e estes procuraram o rapaz.

Convidado a dizer o seu parecer,

Francisco Magalhães Dominguez

Secretario Geral do Automovel Club de Portugal



E' o verdadeiro triptico dos automobilistas:

«Charmeur» — Chico — e Chic...

elaborou ele um relatorio que aprovou aos engenheiros e estareceu o industrial.

— Você é pessoa que nos convem. Foi o destino que o trouxe... — dizia o engenheiro-chefe ao rapaz e marcava-lhe para daí a três dias a data do contrato, um contrato opulento, com percentagens e tudo...

O rapaz rejubilava. Era a hora plena do destino. Finalmente ia poder mostrar ao mundo o seu valor como dirigente duma grande casa. Não sabia quem era o cerebro pensante daquela empresa, mas de antemão sympathizava com esse espirito arrojado que se abalançava a dar dois pontapés na rotina, abrindo caminho largo aos «pioneiros do futuro», como se dizia nos comicios.

Esperou ansiosamente o dia da entrevista. Fez projectos. Ia ser verdade a casinha independente na linha de Cascais, perto do comboio e com o mar em frente. Em sonhos mobilava-lhe as sete divisões com os moveis cedidos a pagamentos no Baptista do Socorro. E depois havia possibilidades de amealhar uns patacos... Poucando duzentos mil réis por ano, ao fim de cinco podia viver em casa sua, etc., etc.

As horas escorriam devagar, mas afinal sempre amanheceu no oriente o dia do contrato e a muito custo chegou a hora marcada.

Na antecâmara do gabinete, o rapaz encontrou o engenheiro-chefe.

— Eu vou anunciá-lo. O director espera-o... A isto é que se chama entrar com o pé direito... Parabens, meu amigo. A'manhã cá estaremos... E abraçou-o.

(A casa na linha de Cascais tinha as janelas abertas... Os moveis estavam todos nos seus lugares).

O continuo veio chamar o rapaz. Ergueu-se, resoluto. Dez passos no corredor e a porta do templo descerrou-se.

A' secretaria estava um homem calvo, remechendo papéis, preparando teatralmente o minuto da apresentação dum simulacro de actividade permanente.

O rapaz avançou, pedindo licença e afastando o reposteiro.

— Tem a bondade...

E o homem levantou a cabeça de cima dos papéis. Olharam-se. Ambos baixaram os olhos. Tornaram a olhar-se e tornaram a baixar os olhos. O rapaz balbuciava:

— Eu sou a pessoa que...

O homem calvo atalhou:

— Ah! sim. Sei... Mas, sabe?... Trouve dificuldades á ultima hora. Resolvi outra coisa... Já não lanço a empresa...

O homem falava aos saltos, aos esguichos.

O rapaz ficava mudo, a torcer as luvas.

Houve um silencio grande; por fim o industrial rematou:

— Se eu voltar a pensar nisso, mando chamar V. Ex.ª...

— Passe V. Ex.ª muito bem...

E o homem calvo, com um sorriso e um cumprimento:

— Doutor...

João Zero

FUMÉ SUNRIPE

ECOS DA SEMANA

O DESSA NÃO SAI DESSA POSIÇÃO ENQUANTO NÃO LHE ADLICEM O ROMÃO GONÇALVES A REBOCALO. ESTE INDIVÍDUO, QUE ANTES DE SER CANTOR ERA ATLETA, PODE DAR UM BOM REBOCADOR DALTO MAR.

A GRANDE ESQUADRA NAVAL FOI A PROVA DE MAR, ACHANDO-O COM GOSTO A PICADO. A SUPER-CANHONHEIRA "FARO"



1º DE DEZEMBRO GOSTO MUITO DOS FOGUETES MAS GOSTAVA MAIS DE QUE EM

VIVA PORTUGAL! CADA ANO QUE SE FESTEJA ESTA DATA SE INAUGURA SE UMA MATERNIDADE.



ESTA A DESPONTAR



EM MARROCOS JÁ SE FAZEM CONCERTOS QUE SE OUVEM EM TODO O MUNDO PELA T.S.F. AGORA SÓ FALTA PORTUGAL

PORTUGAL MUITO BABBADO TEVE O PRAZER DE RECEBER NOS SEUS BRACOS E ETC. OS SEUS FILHOS QUE VIERAM DA AMERICA PASSAR CA' ONATAL. E AGORA, A PROPOSITO NAO VIRA ALGUM COM GANAS PARA MANDAR FAZER UM HOTEL EM LISBOA? (LEMBRAI-VOS DE SEVILHA)



CONCERTOS PEDRO (o GRANDE) FREITAS BRANCO. O MAIOR MAESTRO PORTUGUES. O MAESTRO QUE NAO PRECISA DE ESTRADO. O MAESTRO QUE TEM UMA BATUTA QUE CHEGA AOTETO. EM FIM, O MAESTRO COMO MAXIMO DE CONDIÇÕES NATAS, QUE EXIS



TE EM PORTUGAL. A SUA ORQUESTRA VEM-NOS PROVAR QUE E POSSIVEL A FORMACAO DE UMA DE "ELITE" E UNICA NOSSO PAIS.